

# S. MAMEDE

«a primeira tarde  
portuguesa»

---

FILIPE ALVES MOREIRA  
Universidade Aberta  
e IF/Universidade do Porto



*A primeira tarde portuguesa* - Batalha de São Mamede, obra de Acácio Lino, 1922, fotografia de Carlos Pombo, 2005. Museu da Assembleia da República.

**A** batalha de S. Mamede, travada em 24 de junho de 1128, é um dos eventos mais conhecidos da história de Portugal, tendo ficado associada às origens do país. O pintor Acácio Lino pintou, em inícios do século XX, um quadro a ela alusivo e destinado à Assembleia da República, ao qual deu o sugestivo nome de «a primeira tarde portuguesa». É um acontecimento carregado de simbolismo, nem sempre sendo fácil destrinçar o que historicamente ocorreu das sucessivas leituras e mitificações que os séculos lhe foram agregando.

Para compreendermos as características, causas e consequências deste evento é necessário recuarmos um pouco. Em finais do século XI, chegou à Península Ibérica Henrique, de uma importante família nobre da Borgonha, aparentado com figuras tão relevantes quanto S. Hugo, abade de Cluny, a mais poderosa instituição religiosa ocidental da época, capaz de rivalizar em influência com Roma. Tendo casado com Teresa, filha ilegítima de Afonso VI, rei de Leão e Castela, Henrique e a mulher ficaram senhores de um território normalmente chamado Condado Portucalense, *grosso modo* correspondente às antigas províncias do Minho, Douro litoral, Beira litoral e parte de Trás-os-Montes. Como era expectável à época, Henrique concentrou o melhor dos seus esforços em duas frentes: por um lado, procurando conquistar – ou, do ponto de vista cristão, recuperar – territórios sob domínio muçulmano, por outro, buscando reorganizar o território que senhoreava. Envolveu-se também, com a mulher, nas lutas internas do reino de Leão e Castela. Por ser filha do rei, ainda que nascida fora de casamento, Teresa aspirava a expandir os seus domínios e eventualmente reivindicar maior autonomia – tudo isto num contexto especialmente conturbado no reino castelhano-leonês, marcado pela morte precoce do único filho herdeiro do monarca e por rebeliões vindas de diversos setores da sociedade. Internamente, Henrique e Teresa seguiram uma política muito favorável às elites laicas e eclesiásticas locais, avultando entre elas o arcebispado de Braga e um conjunto de cinco poderosas famílias: Maia, Sousa, Baião, Ribadouro e

Bragança (normalmente chamados Braganções, como eram à época e para os distinguir dos Bragança do século XV, com os quais nada têm a ver).

Entre outros aspetos, esta política de beneficiação destas elites materializou-se na concessão de domínios e privilégios, numa época em que a organização social era do tipo senhorial, ou mesmo feudal, isto é, em que a nobreza laica e eclesiástica assentava o seu estatuto e domínio social na posse de terras com considerável autonomia face ao poder condal ou régio, e estava organizada de modo piramidal através de um sistema de doações e fidelidades pessoais estabelecidas entre senhores e vassalos. Um exemplo desta política foi a concessão do couto de Santo Tirso (propriedade isenta) a Soeiro Mendes, da família da Maia, uma das referidas cinco famílias mais poderosas da região. Henrique e Teresa tiveram três filhas e um filho que morreu pequeno. Além destes, e por volta de 1110, nasceu um outro filho, Afonso – chamado Henriques por ser filho de Henrique, de acordo com o sistema de nomes então vigente. Criado na região do Ribadouro, e pela família com este mesmo nome (certamente por Egas Moniz, de quem volta-



Conde D. Henrique de Borgonha (1066-1112) e D. Teresa de Leão (1080-1130), pais de D. Afonso Henriques.



plicou a vinda para territórios portucaleses de fidalgos galegos agregados em torno de Fernão Peres de Trava, os quais começaram a ocupar posições de destaque nas estruturas de poder do território. Tal provocou a secundarização das famílias portucaleses tradicionais, criando o que parece ter sido um progressivo descontentamento. Por meados da década de 1120, quase todas as cinco famílias acima referidas estavam afastadas das posições mais relevantes da corte condal (a exceção foi a família de Baião) e outras famílias relevantes seguiram o mesmo caminho, tendo sido afastadas ou tendo-se afastado da cúria condal e de posições de comando na estrutura política. O desagrado afetou também o arcebispado de Braga, liderado por um dos membros dessas famílias, Paio Mendes (possivelmente da família dos Maia), que disputava com o arcebispado de Santiago de Compostela (então liderado pelo famoso e aguerrido Diego Gelmírez) o protagonismo simbólico e efetivo das estruturas eclesásticas do noroeste peninsular.

Afonso Henriques, criado, como vimos, por uma dessas famílias, seria elevado à condição de chefe dessa revolta de boa parte das elites portucaleses. Um ato que o revela claramente é a ampliação do couto de Braga, concedida por Afonso Henriques pouco tempo antes da batalha de S. Mamede, em cujo documento o infante assumia expressamente a sua intenção de vir a controlar o condado. Foi também relevante a sua ação na defesa de Guimarães durante um cerco posto pelo novo rei de Leão e Castela, Afonso VII, o qual almejava repor o seu domínio no território, num contexto em que as pretensões de maior autonomia de Teresa e dos seus aliados eram já evidentes.

## A FORMAÇÃO DE UM PAÍS

Ficaram, deste modo, estabelecidos dois campos em confronto, duas facções que lutavam pelo controlo político do território, com a possível autonomização face a Leão e Castela como pano de fundo. Uma dessas facções era comandada pela condessa Teresa, a qual, a partir de certa altura, começou a intitular-se e a ser chamada «rainha» – embora a designação tivesse à



Estátuas do rei D. Afonso Henriques (?) e do bispo D. João Peculiar(?), século XII. Igreja de S. Pedro de Rates / Núcleo Museológico da Igreja de S. Pedro de Rates.



Conjunto escultórico comemorativo da Batalha de S. Mamede em Campo da Ataca (S.Torcato, Guimarães). Fotografia retirada do sítio do Turismo de Guimarães.

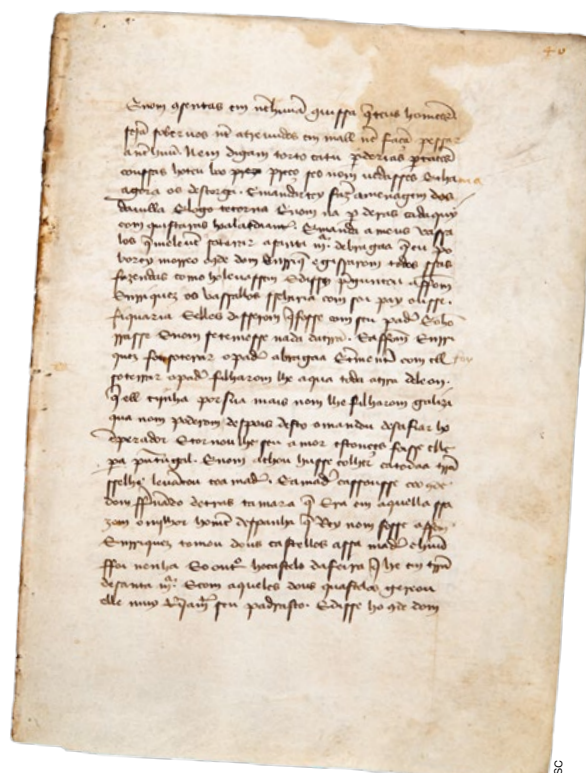
época também o significado de «filho de rei» não deixava de revelar os seus intuitos de incremento de estatuto político-social. A outra facção era comandada por Afonso Henriques. É neste quadro que se dá uma batalha entre ambas, justamente a batalha de S. Mamede, travada algures na região de Guimarães, em junho de 1128. Como era então relativamente frequente, decidia-se pela sorte das armas um dissenso político.

A localização exata da batalha foi muitas vezes debatida calorosamente, embora o dado em si tenha pouca relevância histórica. A narração mais antiga conhecida, de finais do século XII e escrita em latim por um cónego de Santa Cruz de Coimbra, diz que o confronto ocorreu «in campo Sancti Mametis, quod est prope castellum de Vimaraniis» (no campo de S. Mamede, o qual é junto ao castelo de Guimarães). Por isso se chama tradicionalmente «campo de S. Mamede» a um descampado localizado uns metros ao largo do castelo, embora, posteriormente, duas outras localizações tenham sido aventadas com bases mais sólidas: uma, no Campo da Ataca (na freguesia de S. Torcato), no qual, em finais do século XX, foi erigido um conjunto escultórico comemorativo da batalha; outra, no lado oposto, nas proximidades da velha estrada que ligava Guimarães ao Porto, numa veiga em que se vê uma velha ponte do século XIII. As descrições mais antigas da batalha são escassas e lacónicas, limitando-se a enaltecer a vitória rá-



Ponte do séc.XIII, um dos possíveis locais onde terá ocorrido a Batalha de S. Mamede.

vida das forças comandadas por Afonso Henriques e a derrota dos adversários, que são mesmo chamados de «quidam indigni et alienigenae», ou seja, «alguns indignos e estrangeiros». São textos panegíricos da figura de Afonso Henriques, escritos no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que esteve sempre muito apostado no enaltecimento da figura do infante e depois rei, e foram escritos já na segunda metade do século XII. Factos que devem ser tidos em conta para a sua compreensão. De facto, havia portugalenses de um lado e do outro e, mais do que contra «os galegos» ou «os estrangeiros», foi contra o entorno de Fernão Peres de Trava e seus aliados próximos que se combateu. Em todo o caso, a vitória dessa facção é um dado histórico incontroverso, assim como as suas consequências: no seu seguimento, a condessa Teresa e seus aliados foram afastados do governo da terra portugalense, regressando ou re-



4ª Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra, Fólio 40. Biblioteca Pública Municipal do Porto, cópia da «Primeira crónica portuguesa»

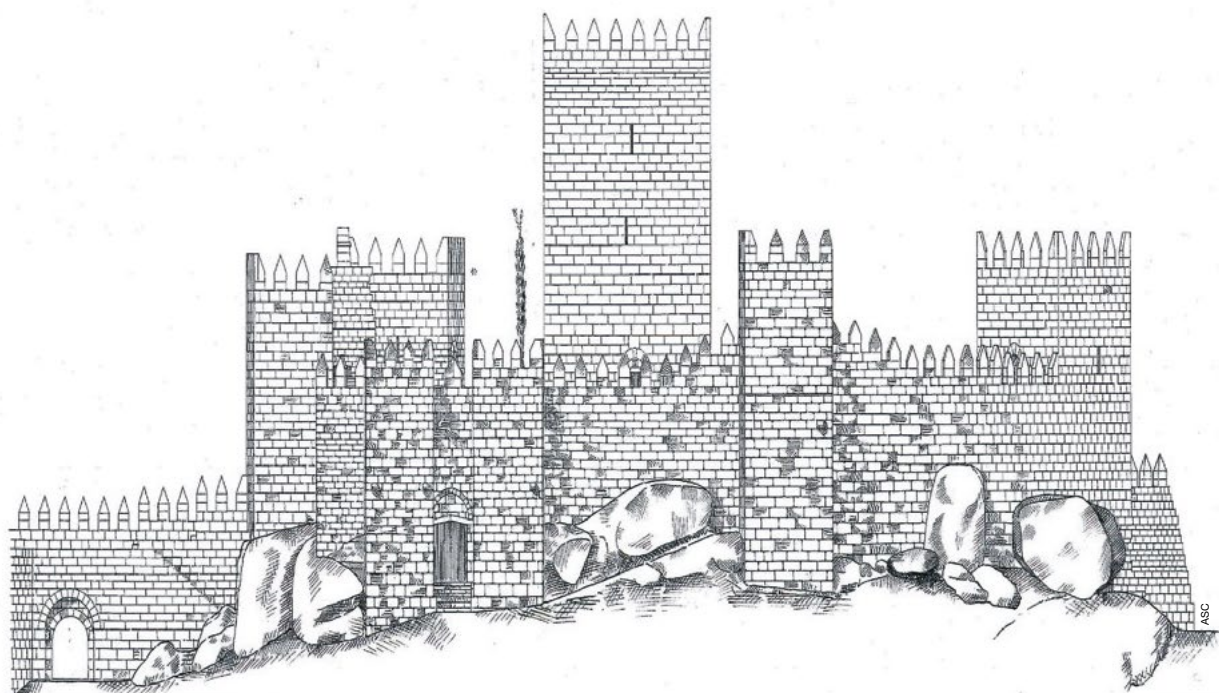


Fresco «Preito de Lealdade de Egas Moniz», de Guilherme Camarinha [1912-1994], representa o lendário episódio em que Egas Moniz, o suposto aio de D. Afonso Henriques, de corda ao pescoço, se entrega a si e sua família ao rei de Castela. Palácio da Justiça do Porto.

fugindo-se na Galiza, onde a condessa Teresa viria a morrer pouco tempo depois, em novembro de 1130. Fernão Peres e um irmão, entretanto também relacionado de perto com a família condal, regressariam posteriormente a Portugal, não colocando em causa, contudo, o comando de Afonso Henriques e dos seus aliados. Este, por sua vez, iniciaria aí um longo e complexo percurso que o conduziria ao título de rei, o primeiro de Portugal.

Durante o século XII, é comum encontrarmos referências que contabilizam o início do reinado de Afonso Henriques justamente a partir de 1128, ou seja, certamente tomando a batalha como ponto de partida. Isso vê-se não apenas em textos historiográficos ou literários (como hoje diríamos), mas também, por exemplo, em epígrafes. A importância da batalha para os contemporâneos foi, por isso, indiscutível. Com o passar do tempo, todavia, a memória da batalha sofreu importantes alterações. Por um lado, foram-lhe agregados episódios lendários. Numa crónica de finais do século XIII escrita já em galego-português conta-se que a batalha foi combinada entre Afonso Henriques e Fernão Peres de Trava como forma de decidir de vez a disputa entre a condessa Teresa (que, na visão da crónica, tinha usurpado os direitos do filho após a morte de D. Henrique) e Afonso Henriques. Nesta mesma crónica, narra-se pela primeira vez a intervenção decisiva de Soeiro Mendes (da Maia?), que forçou Afonso Henriques a regressar à batalha após um primeiro momento de desbarato das suas tropas. Uma historieta que terá como principal função recordar a importância do apoio da fidalguia portugalense para a vitória de Afonso Henriques (o que, como se viu, tem uma efetiva base histórica). E é, ainda, nessa mesma crónica que pela primeira vez se diz que Afonso Henriques prendeu a mãe na sequência da batalha, o que viria a provocar uma cadeia de eventos que, passando por uma maldição lançada pela condessa derrotada, culminaria

com a prisão de Afonso Henriques por Fernando II de Leão em Badajoz, em 1169, por ter partido uma perna, momento a partir do qual deixou de cavalgar. A derrota de Badajoz é histórica, mas não a sua inserção na cadeia de eventos relatada por esta crónica, que, não obstante, transforma essa derrota numa espécie de sacrifício simbólico de Afonso Henriques pela autonomia de Portugal. É esta a origem da tradição, ainda hoje arraigada, de que Afonso Henriques maltratou ou bateu na mãe, algo que, como se vê, apenas surge, que se saiba, em finais do século XIII. Durante os séculos XIV, XV, XVI e mesmo XVII, este seria o modo como a batalha foi recordada, com poucas alterações – as mais relevantes das quais foram a substituição de Soeiro Mendes por Egas Moniz e do campo de S. Mamede (referido apenas por textos do século XII, de resto) pelo lugar que chamam de São Redanhas (designação presente nas crónicas a partir do século XIV). Mas já a partir também de finais do século XIII, a batalha de S. Mamede seria progressivamente suplantada pela de Ourique (1139) enquanto momento fundador da realeza de Afonso Henriques (e, por via disso, do «nascimento de Portugal»). Os românticos do século XIX, com destaque para Alexandre Herculano, recuperaram o simbolismo de S. Mamede, e a historiografia de finais do século XX (com destaque para os trabalhos de José Mattoso) procurou compreendê-la enquanto evento resultante das divisões e tensões políticas e sociais que marcaram aquela época. Entretanto, em Guimarães, ela nunca terá sido esquecida pela comunidade local. Afinal de contas, foi (também) ali que nasceu Portugal. ■



Castelo de Guimarães. Ilustração retirada do sítio do Paço dos Duques.